

**Maria de Lourdes Netto Simões (Org.)**

*Estagiários de Iniciação Científica: Aline de Caldas Costa, Dyala Ribeiro da Silva, Saul Edgardo Mendez Sanchez Filho*

---

# Esteja a Gosto!

Viajando pela Costa do Cacau em Literatura e Fotografia

---

  
Editora da UESC

2007

©2007 by MARIA DE LOURDES NETTO SIMÕES  
1ª edição: 2007

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126  
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: [editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

#### PROJETO GRÁFICO E CAPA

ALINE DE CALDAS  
SAUL MENDEZ

#### REVISÃO

MARIA LUIZA NORA

#### FINALIZAÇÃO

ALENCAR JÚNIOR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

E79 Esteja a gosto! viajando pela costa do cacau em literatura e  
fotografia / Maria de Lourdes Netto Simões  
(org.) – Ilhéus : Editus, 2007.  
159p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 85-7455-111-2

1. Bahia (Região cacauera) – Descrições e viagens. 2. Bahia  
(Região cacauera) – História. 3. Turismo - Bahia (Região  
cacauera). 4. Cacau - Atlântico, Oceano, Costa (Bahia, Sul) –  
Municípios. 5. Escritores baianos-Biografia. I. Simões, Maria  
de Lourdes Netto. II. Título.

CDD – 918.142

## SUMÁRIO

“VIAGEM”/VIAGENS .....	06
O PERCURSO DA CAMINHADA: A REALIZAÇÃO DA PESQUISA .....	13
CAMPO .....	23
ENTRE CAMPO E CIDADE .....	69
CIDADE .....	93
REFERÊNCIAS .....	145
Biografias dos autores antologados .....	147
Referências dos autores antologados .....	152
Produção científica da equipe .....	155
<i>Websites</i> produzidos .....	158
Referências teóricas .....	159

# "Viagem"/Viagens

---

*Viajar é preciso  
e viver para contar a história.*

Henrique Simões

*É preciso guardar esse instante, o homem pensou  
então. Guardar, pelo menos, o contorno desse  
instante. E foi ao carro apanhar a  
máquina fotográfica.*

Hélio Pólvora

## “VIAGEM”/VIAGENS

O patrimônio literário e cultural da Região Sul-baiana, e o seu ambiente natural de especial beleza potencializam-na para o turismo. Situada na Mata Atlântica remanescente, local de uma das maiores biodiversidades do planeta, é possuidora de cultura pujante e singular, fruto da hibridização das etnias indígena, branca e negra, posteriormente enriquecida pelos trânsitos de viajantes, dentre os quais merece ressaltar a cultura sírio-libanesa.

Historicamente integrada ao cenário do berço do Brasil, abriga algumas das primeiras capitânicas hereditárias. Nessa Região, a Costa do Cacau (FIG. 01) abrange a área da antiga Capitania de São Jorge dos Ilhéus, hoje integrada por sete municípios: Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Uruçuca, Una, Canavieiras e Santa Luzia (PRODETUR, 2003). Está localizada entre a Costa do Descobrimento (Porto Seguro, Santa Cruz Cabralia, Belmonte, Eunápolis) e a Costa do Dendê (Camamu, Valença, Cairu, Ituberá, Nilo Peçanha, Taperoá, Maraú).

A forte cultura do cacau - que prevalece no centro da Região - justifica a denominação de Costa do Cacau, na classificação das costas turísticas do Estado da Bahia. Dentre os municípios integrantes dessa Costa, Ilhéus e Itabuna constituem-se o coração do território também denominado de grapiúna. O primeiro município, por seu potencial histórico e natural, impõe-se para o turismo; o segundo, destaca-se como centro econômico e comercial, além de eixo rodoviário regional, atravessado pela BR 101 e BA 415.

Na Costa do Cacau, a cultura é singular e rica de história e tradições; a natureza é pujante, o verde policromático da mata é surpreendente e, na sua orla (Ba 001), as praias primam pela beleza ainda agreste e por sua água cálida, que são convite ao turista.

Os bens simbólicos que traduzem a singular cultura da micro-Região Sul-baiana sinalizam a sua identidade, referenciada pela literatura dessa também chamada Região do Cacau, que goza de especial destaque no cenário da Literatura Brasileira pela plêiade de escritores que apresenta, dentre os quais se destaca Jorge Amado, tomado como referência internacional.

Todo esse contexto arrebatador justificou a realização da pesquisa que resultou nesta publicação, cujo objetivo é contribuir para a visibilidade regional, oferecendo uma amostra cultural e natural de interesse turístico, em linguagem literária e fotográfica.

Assim, este livro quer ser, um convite. Um convite a você, leitor, para conhecer uma cultura singular; paisagens e costumes diferentes. E ficar *querendo mais...*  
Esteja a gosto!

ML Netto Simões

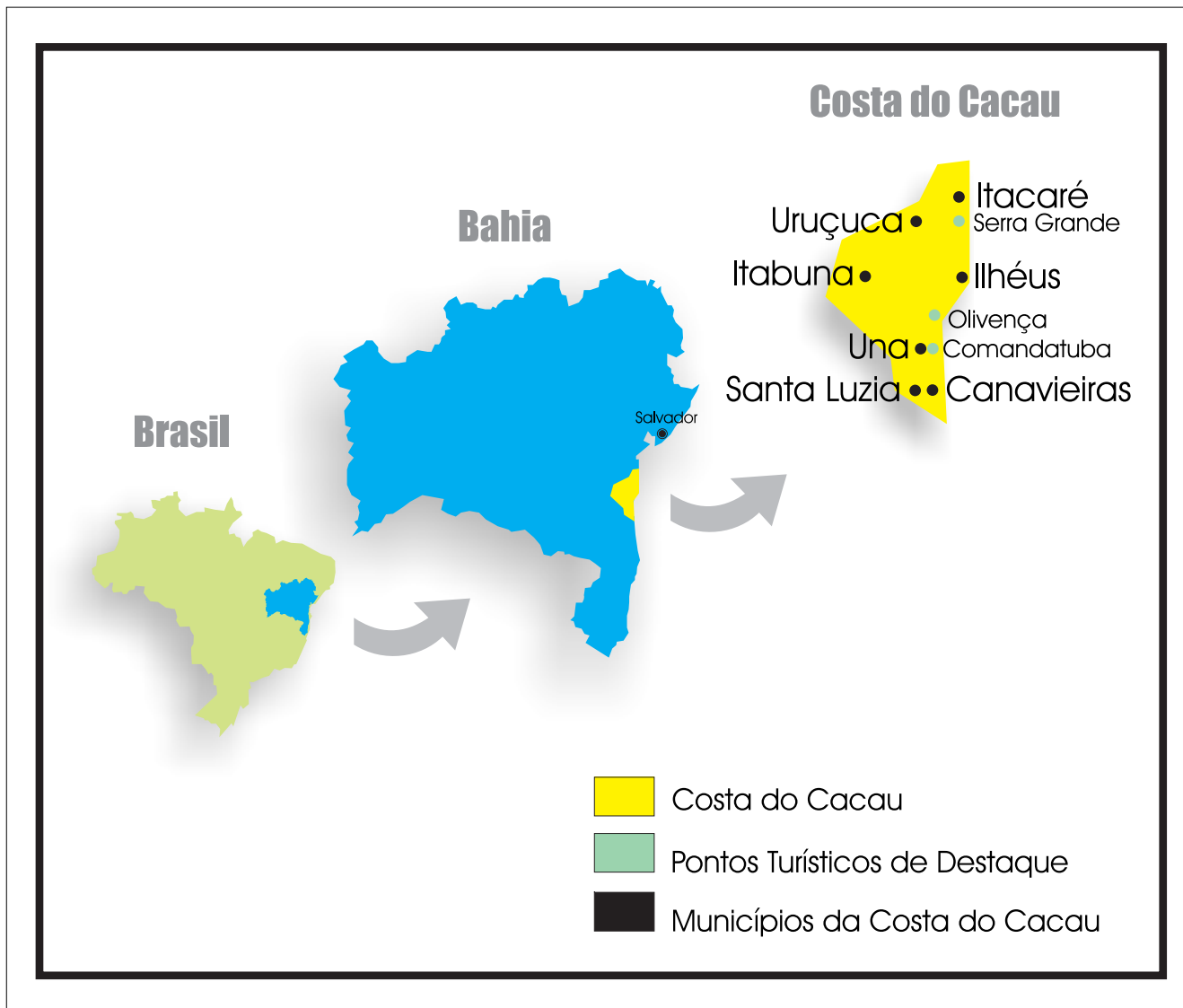


Figura 01: Costa do Cacau

# O percurso da caminhada: a realização da pesquisa

---

*O tempo da escritura é finito,  
Porém o tempo da leitura é  
infinito.*

Carlos Fuentes



## O PROJETO

- **Introdução**

A pesquisa foi desenvolvida no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus (Bahia - Brasil).

O projeto partiu da hipótese de que o *efeito* da literatura sobre o seu leitor pode ser suscitar o interesse pela cultura local e provocador de viagem, promovendo o trânsito do espaço ficcional ao espaço real, transformando leitores em turistas. Buscando afirmar a idéia, a pesquisa tomou a literatura como mapeamento de viagem, em consideração dos aspectos: desterritorialização e turismo; culturas híbridas, questões identitárias e interesse turístico. Refletiu sobre a concepção de viagem, a ressignificação do termo e sua relação com o turismo em consideração ao contexto globalizado. Pensou a relação entre leitor e turista, face ao bem simbólico literário e sua relação com o espaço visitado. Focou a Costa do Cacau da região Sul-baiana, entendendo-a como pólo cultural para o turismo sustentado, e tendo em conta a recepção da sua literatura.

Culminou com esta edição antológica integrada por textos mapeadores de bens simbólicos, interpretáveis num *corpus* literário; e fotografias de bens simbólicos reconfigurados e/ou ressignificados, interpretáveis num *corpus* fotográfico. Este produto pretende contribuir para trazer para a cena nacional e internacional autores regionais, suscitando o interesse do leitor ficcional e estimulando o fluxo de um turismo cultural, respeitador das culturas locais.

- **Definição dos caminhos: a fundamentação teórica**

A pesquisa tomou a Literatura de uma perspectiva culturalista, entendendo-a como bem simbólico - “um mapa em relação aos territórios que topografa” (ISER, 1996, p. 304) -, mapeador da cultura local e, por sua *diferença* (BHABHA, 1998; HALL, 2000) em relação com os objetos que designa, suscitadora do trânsito turístico de leitores do contexto globalizado (SIMÕES, 2002).

A fotografia – concebida como “ícone indicial” (SCHAEFFER, 1996) e, portanto, como traço do real – dialoga com a linguagem literária quando, ocupando-se de um momento, registra e revela imaginários.

O turismo, eixo articulador da intersecção entre o global e o local, é interpretado como ação de trânsito e viagem, forma de encontro de culturas, que interfere nas identidades locais e possibilita reconfigurações de imaginários (Cf. SIMÕES, 2004).

Para o recorte teórico pretendido, os discursos literário e fotográfico constituíram-se, assim, em um domínio de recorrente projeção e temas, de valores, de tensões e de sentidos ideológicos diretamente atinentes às questões do nacionalismo e de problematizações identitárias.



ML Netto Simões

A pesquisa recortou o seu foco de análise na *diferença*, identificada nos bens simbólicos dos quais a literatura regional se ocupa, bens simbólicos esses situados na cidade, no campo, nas águas; bens materiais: arquitetônicos e naturais; e bens imateriais: costumes, mitos, culinária, crenças, festas, expressões artísticas. Ao fazê-lo, considerou a importância da recepção dessa literatura, inclusive o fato da obra do ficcionista Jorge Amado ter sido alvo de adaptações em linguagem televisiva, cinematográfica e teatral; e, por sua recepção, ultrapassar fronteiras locais e nacionais, ganhando leitores de múltiplas nacionalidades, que visitam a região através do imaginário ficcional e, depois, motivados por essa mesma literatura, tornam-se turistas - transformando-se, portanto, de leitores-turistas em turistas-leitores (SIMÕES, 2002).

Considerando que o potencial literário regional não se restringe à obra amadiana, como forma de ampliar as perspectivas de focos da cultura local, outros imaginários ficcionais foram considerados, buscando o enriquecimento e a complementaridade, numa perspectiva intersubjetiva e comunicacional (GUMBRECHT, 1998; ISER, 1996). Além disso, foram consideradas as principais questões culturais, éticas e étnicas da contemporaneidade (GUATTARI,

2001; CANCLINI, 1977; SAID, 1997), relacionadas aos trânsitos e fluxos culturais, bem como refletir sobre as tensões entre cultura global e *diferença* regional, que atestam a resistência dos imaginários regionais e dos culturas híbridas.

O discurso fotográfico, outra linguagem reveladora do imaginário em questão, ao dialogar com o discurso literário ratifica-o ou atualiza-o, através de tomadas dos bens simbólicos ressignificados e ou reconfigurados (SIMÕES, 2002). O diálogo entre as linguagens é entendido como intersubjetivo, já que a fotografia oferece ao leitor a visibilidade do bem simbólico referido pela literatura, atualizando-o uma vez que se ocupa do tempo presente.

Com base em tais reflexões, a identidade cultural da Costa do Cacau da região Sul-baiana foi potencializada, buscando ampliar a recepção da sua literatura e, assim, contribuir para o fluxo turístico.

- **Os passos da caminhada: o processo da pesquisa**

- Fase I: estudo da fundamentação teórica

Foram privilegiadas as práticas comparatistas, através de uma abordagem multidisciplinar, de caráter comunicacional e multicultural; em atenção ao que a cultura regional e sua literatura suscitaram, foram traçadas as estratégias metodológicas. Inicialmente, foi realizada reflexão sobre viagem enquanto trânsito de turismo cultural, fazendo o *link* entre local / global e tendo em vista um turismo cultural sustentado. O propósito disso foi consolidar uma base teórico-crítica, que deu sustentação à definição do *corpus* e dos aspectos observados na análise dos materiais.

Em seguida, a idéia de viagem foi relacionada ao interesse cultural, suscitador do local a ser visitado. Literatura e fotografia foram teoricamente abordadas a fim de sustentar a seleção e construção das linguagens que iriam formar o tecido antológico.

- Fase II : estudo do acervo literário Sul-baiano

Ao partir do lugar cultural (transnacional como tradutório), a pesquisa ocupou-se do texto literário que habita a ambiência dos sabidos problemas de articulação e convivência. Ao ressaltar a literatura Sul-baiana como foco da pesquisa, considerou ser a região celeiro de pujante expressão literária. Tomando como critério o grau de recepção nacional e internacional da obra, partiu da produção ficcional de Jorge Amado. Em seguida, na consideração das outras vozes literárias, acrescentou o acervo inicial de tantos autores regionais, quantos foi possível identificar dentre os publicados. Desse acervo, foram selecionados aqueles escritores cuja obra referisse bens simbólicos identificadores dos patrimônios cultural e natural da região foco da pesquisa. Nessa produção, foram identificados bens simbólicos materiais e/ou imateriais para, afinal, ser firmado o *corpus* antológico: Adonias Filho, Cyro de Mattos, Euclides Neto,

Clodomir Xavier de Oliveira, Genny Xavier, Hélio Pólvora, Jane Kátia Mendonça, Jorge Araújo, Jorge Amado, Jorge Medauar, José Delmo, Ramon Vane, Ritinha Dantas, Ruy Póvoas, Sosígenes Costa, Telmo Padilha, Valdelice Pinheiro. A esses autores contemporâneos, foi acrescentado Pero Magalhães Gândavo, texto de 1600, por ser texto fundador sobre a imagem da história da Região.

A literatura, sinalizadora dos bens simbólicos que ressaltam da identidade cultural local, foi re-lida como mapeadora dos referentes da linguagem fotográfica a ser construída.

o Fase III: a definição do *corpus* literário e fotográfico

Para a seleção antológica, foram buscados os fragmentos da literatura Sul-baiana, suscitadores do interesse por viagem, porque reveladores de aspectos culturais singularizadores do território e da cultura. O *corpus* foi estabelecido considerando a sua expressão e a referência aos bens simbólicos, relacionados a costumes locais, referências artísticas, crenças, paisagens. Foram identificados aspectos sinalizadores da identidade cultural e referenciadores do possível interesse do leitor turista.

Definido o *corpus*, foi realizado o registro fotográfico dos cenários urbano e rural, em atenção aos bens simbólicos sinalizados num tempo ficcionalizado e, agora, em tempo presente, ressignificados e /ou reconfigurados. Considerada essa questão temporal (já que um bem simbólico não se encontra, necessariamente, no tempo presente real como referido no tempo do enunciado ficcional), dentre os bens simbólicos a serem fotografados, foram selecionados tematicamente os do patrimônio cultural (o arquitetônico, e os relacionados a costumes, crenças, culinária etc) e do natural, ligados à mata e à água (lagoas, rios e mar).



*Aline de Caldas*

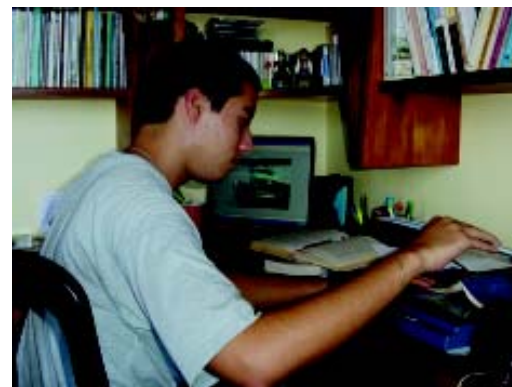
No registro fotográfico, foi observado que materiais identificados no texto literário sofreram reconfigurações e ressignificações, ou simplesmente desapareceram por falta de preservação. Nos dois primeiros casos, as reconfigurações ou ressignificações ocorreram, por vezes, pela natural dinamicidade das identidades; por outras, porque os referidos bens simbólicos foram transformados em produto turístico; e, algumas outras vezes, estavam mutilados, depredados.

Os registros fotográficos foram todos de autoria da equipe da pesquisa. Assim, se para a seleção dos textos literários foram tomados os autores representativos da região, para a seleção do texto fotográfico foram consideradas as fotografias que dialogassem com o *corpus* literário. Se os textos foram de autores regionais, as fotografias foram de autoria da equipe da pesquisa. No entanto, no transcurso da pesquisa, na produção de resultados parciais em forma de artigos científicos, quando houve necessidade de evidenciar a dinâmica das identidades relacionadas a alguns bens simbólicos reconfigurados, foram tomadas fotografias antigas, cedidas por museus ou centro de documentação (CEDOC/UESC), mas, nesses casos, essas fotografias receberam tratamento, visando à qualidade da sua visibilidade.

A pesquisa ocupou-se da obra literária de 23 autores regionais. Levantou um total de 266 fragmentos literários e 1804 registros fotográficos, em primeira mão, todos eles tomados no período de 2004-2005. Desse *corpus*, foram antologados 19 escritores; selecionados 84 fragmentos literários e 138 fotografias.

- Fase IV: a montagem da antologia

A opção do perfil do trabalho foi de uma antologia temática suscetadora do interesse de leitores, potenciais turistas. Atentando para isso, foi dispensada especial atenção às especificidades da linguagem (CALVINO, 1988), especialmente àquelas relacionadas a *visibilidade e leveza* - por isso, a proposição semiótica de cenas culturais e paisagens Sul-baianas, através das linguagens literária e fotográfica.



*Saul Mendez*

Dentre fragmentos selecionados, a análise dos textos e a definição do *corpus* foram procedidas com base na recolha realizada e nos critérios estabelecidos. Com base nesses materiais e critérios, foi definida a estrutura da antologia em três partes: campo, entre campo e cidade, cidade.

Naturalmente que o número de textos estudados de cada autor do *corpus* não esteve somente relacionado aos critérios do trabalho mas, necessariamente, à ocorrência da sua produção autoral. Dessa forma, fica óbvia a razão da predominância de Jorge Amado em relação aos fragmentos selecionados.

Na antologia, muitas vezes, as fotografias fazem a atualização do texto literário em relação ao bem simbólico. Outras vezes, o texto fotográfico acrescenta paisagens não mencionadas no texto literário, mas consideradas de interesse turístico. Nesse caso, nas separatrizes de cada parte, a linguagem fotográfica procurou suplementar a linguagem literária.

Na apresentação dos textos literários, a citação limitou-se à indicação de autoria; ainda em atenção à leveza, as referências completas foram levadas para um quadro sinótico, que se encontra na parte final do trabalho. O mesmo critério foi assumido para os dados biográficos dos autores antologiadados e para os textos críticos produzidos pela equipe - resultados parciais, publicados ou apresentados em congressos, ao longo da realização da investigação. Esses materiais querem ser complementares; objetivam oferecer aos leitores informações adicionais e esclarecedoras sobre o *corpus* e sobre o processo do trabalho.

- **Dos integrantes da pesquisa e dos apoios recebidos**

Para a realização da pesquisa e montagem desta edição contei com três estudantes do curso de Comunicação da UESC, bolsistas de iniciação científica: um do CNPq e duas da FAPESB.

O projeto teve início em março de 2003, integrado por Saul Edgardo Mendez Sanchez Filho (IC-CNPq) e Dyala Ribeiro da Silva (IC-FAPESB). Em agosto do mesmo ano, a equipe foi enriquecida com a chegada de Aline de Caldas Costa (IC-FAPESB). Posteriormente, em março de 2004, Dyala graduou-se, continuando, no entanto, como voluntária em tempo parcial. Depois, embora sem perder o laço com o projeto, afastou-se para atender a encaminhamentos de pós-graduação.



*Dyala Ribeiro*

A pesquisa foi realizada de forma integrada e, embora respeitadas as atribuições específicas, toda a equipe esteve permanentemente entrosada com a concepção geral do trabalho e o trato dos materiais, seja literário, seja fotográfico. Aline e Dyala ocuparam-se prioritariamente dos textos literários. Saul ficou responsável pelo tecido fotográfico e seu tratamento. Além disso, cabe ainda creditar a diagramação do texto a Saul, bem como a formulação técnica da *homepage* da pesquisa. A concepção e a feitura da capa são creditadas a Saul e Aline. Os resultados parciais foram sempre discutidos em grupo e os encaminhamentos da pesquisa definidos processualmente com base nos critérios estabelecidos, sendo esses momentos fundamentais para a orientação e formação do jovem pesquisador.





*Equipe do Projeto: ML Netto Simões, Aline de Caldas, Dyala Ribeiro, Saul Mendez*

A participação desses estagiários no projeto foi intensa e cada um deles deu o melhor de si, o que sem dúvida foi acrescentador para a minha orientação e definitivamente imprescindível para o resultado do trabalho .

Agradeço o apoio institucional da UESC e às agências de fomento Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB e ao Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq, que viabilizaram o projeto através de bolsas de iniciação científica para os estagiários (FAPESB e CNPq) e recursos (CNPq).

O trabalho integrou as atividades do grupo de pesquisa que coordeno - Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER, [www.uesc.br/icer](http://www.uesc.br/icer), do DLA/ Mestrado em Cultura e Turismo/ UESC.

# Campo



M. L. Netto Simões

*EcoParque de Una*



Saul Mendez

*Frutas regionais - cacau e jaca*



Aline de Caldas

*Flor típica das roças de cacau*

*No fim da tarde,  
esperando ver acenderem-se as estrelas,  
sou grato à penumbra,  
que retarda o quanto pode  
a minha contingente obrigação  
de acender as lâmpadas.*

Gil Nunesmaia





*Flor de cacau*

## FLOR DE CACAU

Flor de cacau toda orvahada e moça,  
És curtidinha de sereno em Una,  
Em Itabuna ainda és mais moça,  
Sinhá-moça, mulher de grapiúna.

Flor de cacau toda orvalhada e roxa.  
Chuva em crisol fez teu lilás moreno.  
Serias a paixão de Barba Roxa,  
Se Barba Roxa viesse a este sereno.

Roda no orvalho este cacau pequeno.  
Roda em sereno este pião de louça,  
Crisoberilo lapidado em roxo.

Quem quiser se casar, escolha moça  
Que tomou chuva, e além de sol, sereno.  
Flor de cacau é o tipo dessa moça.

Sosígenes Costa



Sob o sol ardente, o dorso nu, as foices presas em varas longas, os trabalhadores colhiam os cocos de cacau. Cáiam num baque surdo os frutos amarelos, mulheres e crianças os reuniam e partiam, com tocos de facão. Amontoavam-se os grãos de cacau mole, brancos de mel, eram metidos nos cacuás, levados para os cochos no lombo dos burros. O trabalho começava com o raiar do dia, terminava com o chegar da noite, um pedaço assado de charque com farinha, uma jaca madura comidos às pressas na hora do sol a pino. As vozes das mulheres se elevavam nos dolentes cantos de trabalho:

*Dura vida, amargo fel,  
son negro trabalhador,  
Me diga, seu coronel,  
Me diga, faça o favor;  
quando é que eu vou colher  
as penas do meu amor'.*

O coro dos homens na roça respondia:

*Vou colher cacau  
no cacauceiro...*

Jorge Amado



Aline de Caldas



*Quebra de cocos de cacau*





Aline de Caldas

*Fazenda Monte Alto - Ilhéus*



Aline de Caldas

*Secagem do cacau na barraça*

As barraças compridas e largas davam a idéia de um grupo de feras com as bocas escancaradas, que dormissem ao sol. Os caroços secavam. Nós, duas vezes por dia, dançávamos sobre eles, uma dança na qual só os pés se moviam. O sol queimava os ombros nus. O cocho, ao fundo, retângulo sujo, por cujas frestas escorria um líquido viscoso, parecia uma ratoeira. E dominando tudo, a estufa, onde o cacau secava nos dias de chuva à força de fogo, com seu forno alto.

Quando chovia corríamos às coberturas de zinco sobre as barraças. E em junho e julho quase todo o cacau ia para a estufa, pois os dias de sol rareavam.

A estufa nos engolia um a um e trabalhávamos debaixo de um calor infernal. O inferno, mesmo o da descrição dos padres alemães de São Cristóvão, não podia ser pior. Suávamos como condenados e quando saíamos dali, as calças, “porta de loja” encharcadas, caíamos no ribeirão.

Jorge Amado

Tupã-Cavalo puxou cacau no caçua;  
Botou cacau num pedaço de canoa  
Pra fermentar e cantou.  
Quando o cacau fermentou bem,  
Pôs em cima de um saco na coroa  
O cacau do gavião que não é do jupará.

Também botou cacau em zinco velho e numa  
esteira  
E em taboa velha que apanhou na alagação.

O sol veio e secou tudo e o cacau ficou do bom.

Então ele torrou o cacau numa lata torradeira  
Que emprestou Sinhá Loló  
Pilou cacau no pilão grande de pau  
Peneirou na urupema de cipó  
Botou bem doce, bem canela  
E baunilha como quê.  
E o tatu quando bebeu o chocolate  
Balançou de gozo o rabo  
E disse assim:  
Isso é melhor do que cauim,  
Isto é bom como o diabo.

Sosígenes Costa







Aline de Caldas

*Processo artesanal do fabrico de chocolate*

# Entre campo e cidade

---



ML Netto Simões

*Canaveiras*



Saul Mendez

*Rio de Engenho - Ilhéus*



ML Netto Simões

*Praia de Olivença - Ilhéus*

*E como tudo que é criado é também finito,  
o que está antes e depois deste finito tem de  
ser infinito. É claro que, nesse sentido, a  
substância básica não podia ser algo tão  
trivial quanto a água.*

Jostein Gaarder



De alguma janela (ou alpendre)  
dois olhos te contemplam,  
duros de não saber  
o que deles fazer: se olhar  
ou simplesmente ser  
olhos na noite, ausência  
de olhar o que não vê.  
Mesma coisa aqueles que  
Opacos de mais sofrer  
O contemplam na descida,  
Descendo contigo a vida.

.....  
Outros olhos o contemplam  
e são olhos diferentes:  
olhos de ver, não de sentir  
o que no fundo levas:  
não pitus ou acaris,  
mas grossa água, quente  
como sangue, ou sangue.  
Vão juntos, dois rios  
Pelo mesmo rio.  
Juntos: água e sangue  
Chamados do mesmo nome.

Telmo Padilha





## LAVADEIRAS

.....  
Espuma do rio colorido  
batendo roupa nas pedras.

Festa de mãos frescas,  
fervor na manhã branca.

Limpava o sujo da cidade  
E me ofertava a aurora líquida.

Cyro de Mattos



Airne de Caldas





*“Sereia”, escultura de Goca Moreno. Praia do Marciano - Ilhéus*



## O SEGREDO DO POTE

Olocun tinha uma filha meiga, maternal e extremamente delicada. Era Iemanjá, a mãe dos filhos dos peixes. Prometida a Olofim, Iemanjá casou-se com ele e foi em sua companhia, para as terras que ficam bem distantes do Aiocá. No dia do casamento, Olocun presenteou sua filha com um pote. Mas avisou, com uma voz de quem sabia das coisas:

- Filha, guarda bem este pote. Se algum dia, você cair num perigo grave, ou tiver uma extrema necessidade, não vacile: quebre este pote e você será imediatamente socorrida. Mas se lembre bem: só em último recurso...

Com o tempo, Olofim foi se demonstrando ciumento, possessivo e dominador. A vida de Iemanjá ficou restrita apenas ao palácio real. [...]

Iemanjá fugiu do palácio. Mas como não conhecia os caminhos do deserto, terminou se perdendo. E quando o dia amanheceu, ela nem sequer sabia onde estava. Nesse meio tempo, Olofim acordou, tomou conhecimento da fuga de Iemanjá e saiu à sua procura, com muitos soldados.[...]

Quando Iemanjá avistou o exército do marido se aproximando, deu-se conta da tragédia que iria lhe acontecer. Foi então que ela se lembrou do presente que recebeu de Olocun, no dia do casamento. Abriu a bagagem e retirou o pote. E quando Olofim mandou os soldados amarrarem a esposa, ela palmeou o pote e arremessou no chão. E aí, deu-se um encanto: de repente, o Oceano se avolumou, invadiu a terra e o deserto virou mar. Olofim e seu exército morreram afogados e Iemanjá reinou absoluta sobre todas as águas do Oceano.

Ruy Póvoas

De encontro às ameias  
da pedra, o barco se quebra...  
Cantam as sereias.

Abel Pereira

# Cidade



Saul Mendez

Itabuna



Saul Mendez

Ilhéus



Saul Mendez

Canavieiras

*Para cantar uma cidade  
não basta marcá-la em infenso mapa  
ou presentí-la em seu exato número  
população, superfície, climas  
topografia, riquezas, pobreza  
misérias, ranhuras, talvezes.*

*Há que sabujar-se em suas  
saliências  
e reentrâncias*

*correr ruelas, becos, avenidas  
flagrar o novo e sobretudo o  
velho*

*que diz mais e muito  
e muito mais revive, povoa  
a alma antiga de seres e lugares.*



Progresso era a palavra que mais se ouvia em Ilhéus e Itabuna. Estava em todas as bocas, insistentemente repetida. [...] “É o progresso!” diziam-no orgulhosamente, conscientes de concorrerem todos para as mudanças tão profundas na fisionomia da cidade e nos seus hábitos.

Havia um ar de prosperidade em toda parte, um vertiginoso crescimento. Abriam-se ruas para os lados do mar e dos morros, nasciam jardins e praças, construía-se casas, sobrados, palacetes[...].

A cidade ia perdendo, a cada dia, aquele ar de acampamento guerreiro que a caracterizava no tempo da conquista da terra: fazendeiros montados a cavalo, de revólver à cinta, amedrontadores jagunços de repetição em punho atravessando ruas sem calçamento, ora de lama permanente, ora de poeira, tiros enchendo de susto as noites intranquílias, mascates exibindo suas malas nas calçadas. Tudo isso acabava, a cidade esplendia em vitrinas coloridas e variadas, multiplicavam-se as lojas e os armazéns, os mascates só apareciam nas feiras, andavam pelo interior. Bares, cabarés, cinemas, colégios.

Jorge Amado



Saul Mendez

*Palácio Paranaguá, sede da prefeitura - Ilhéus*



*Praia da avenida Soares Lopes - Ilhéus*

A cidade era bonita, cheia de jardins abertos em flores, de boas casas onde residiam as famílias dos coronéis. Toda a parte junto ao oceano era residencial, cortada de avenidas largas, uma das quais acompanhava a curva do mar numa imitação da praia de Copacabana, do Rio de Janeiro. Ali se elevavam os palacetes dos coronéis mais ricos, sobrados faustosos e mobiliados com luxo, [...] sólidos e pesados, como que representando a solidez das fortunas desses homens que haviam conquistado a terra.

Jorge Amado

A feira semanal era uma festa. Ruidosa e colorida. Um vasto descampado em frente ao ancoradouro, estendendo-se até as proximidades da estrada de ferro. Postas de carne-seca, de sol, de fumeiro, porcos, ovelhas, veados, pacas e cotias, caça diversa. Sacos de alva farinha de mandioca. Bananas cor de ouro, abóboras amarelas, verdes jilós, quiabos, laranja. Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel, feijoadá, moqueca de peixe. Camponeses comiam, o copo de cachaça ao lado.

Jorge Amado

*Tomate e Pimentão*



*Feira do Peixe - Ilhéus*



Aline de Caldas





*Barraca de carnes*



*Licores regionais*

Argemiro colocava o menino na frente da sela e o levava a Pirangi nos dias de feira: uma festa, um deslumbramento. Entre os sacos de feijão e farinha, as mantas de jabá, as jacas, as abóboras, os cachos de bananas, as raízes de inhame e aipim, no meio do povo, homens e mulheres que possuíam a cor e o odor da terra, o menino ia aprendendo sem se dar conta. De nada gostava tanto como dessas idas a Pirangi, em companhia de trabalhadores e jagunços: ampliavam seu universo e impediam que medrasse em seu espírito qualquer espécie de preconceito.

Jorge Amado





*Praia de Olivença  
Igreja de Nossa Senhora da Escada, construída  
pelos jesuítas - Olivença, Ilhéus*





Aline de Caldas



Aline de Caldas

## TARDE (EM OLIVENÇA)

a água deve estar quente  
o sol ardeu o dia todo:  
piscinas escuras de pedras  
se saciam no fundo da areia

quase milhares de formas  
se assemelham em sua redondez  
ondas alvas e provocantes  
sabem a hora certa do orgasmo

nada há que atrapalhe a cena  
tudo é parte e a alma  
verdes palhas dançarinas  
fazem soar os acordes necessários

corre a tarde no seu passo enigmático  
a brisa se enfurece e rugue  
o céu sussurrando se desfaz em sonho  
os seres amam, como lhes é dado

a tarde,  
    santa e imaculada  
soa nos sinais da capela  
    o padre benze a verdade  
    a boa vontade

Jane Kátia Mendonça